



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 21, v. 1
jan-jul.2025
p. 72-92

“Adoro NM desde que não seja minha namorada”: convenções e controvérsias da #monogamia no TikTok

(*“I love NM as long as it's not my girlfriend”: conventions and controversies of #monogamy on TikTok*)

(*“Amo la NM siempre que no sea mi novia”: convenciones y polémicas en #monogamia en TikTok*)

Maria Luiza Lopes¹

Michele Escoura²

RESUMO: O debate sobre monogamia tem renovado a discussão sobre modelos de relações afetivo-sexuais e encontrado forte adesão das novas gerações. Nesse contexto, as redes sociais se tornaram um terreno fértil para o compartilhamento de informações sobre o assunto, bem como para a massificação de polêmicas e disputas em torno dos modelos de relacionamentos. Partindo disso, esta pesquisa procurou fazer um levantamento de como o debate tem se configurado em uma das redes mais populares entre os(as) jovens brasileiros(as), o TikTok. Para tanto, a pesquisa levantou os 50 primeiros conteúdos entregues pela plataforma em seu sistema de busca no indexador “#monogamia” e sistematizou-os a partir de um conjunto de códigos e indicadores comparativos, adotando uma perspectiva de análise de conteúdo. Diante da amostra, neste artigo, demonstramos como convenções de gênero, comportamentos e expectativas conjugais e posições de desigualdade são reveladas a partir do engajamento em torno da hashtag “monogamia”.

PALAVRAS-CHAVE: monogamia; TikTok; internet; análise de conteúdo; antropologia digital.

Abstract: The debate over monogamy has renewed the discussion about models of affective/sexual relationships and gathered strong engagement from new generations. In this context, social networks have become fertile ground for sharing information about this subject, as well as for the massification of controversies and rivalry around relationship models. Based on this, this research aims to survey how the debate has shaped itself on one of the most popular networks among young Brazilians, TikTok. Therefore, the investigation collected the first 50 Brazilian contents delivered by the platform in its search system in the “#monogamy” indexer and systematized them based on a set of codes and comparative indicators, adopting a content analysis perspective. Given the sample, in this article we demonstrate how gender conventions, marital behaviors and positions of inequality are revealed through engagement around the hashtag “monogamy”.

Keywords: monogamy; TikTok; internet; content analysis; digital anthropology.

Resumen: El debate sobre la monogamia ha renovado la discusión sobre los modelos de relaciones afectivas/sexuales y ha encontrado un fuerte debate entre las nuevas generaciones. En este contexto, las redes sociales se han convertido en terreno fértil para compartir información sobre el tema, así como para la masificación de controversias y disputas en torno a modelos de relación. A partir de esto, esta investigación buscó sondear cómo se ha configurado el debate en una de las redes más populares entre los(as) jóvenes brasileños(as), TikTok. Por lo tanto, la investigación recopiló los primeros 50 contenidos entregados por la plataforma en su sistema de búsqueda en el indexador “#monogamia” y los sistematizó a partir de un conjunto de códigos e indicadores comparativos, adoptando una perspectiva de análisis de contenido. Dada la muestra, en este artículo demostramos cómo las convenciones de género, los comportamientos maritales y las expectativas y posiciones de desigualdad se revelan a través del compromiso en torno al hashtag “monogamia”.

Palabras clave: monogamia; TikTok; internet; análisis de contenido; antropología digital.

1 Bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (UFPA), integrante do Grupo de Pesquisa – Etnografia, Poder e Socialidades (Pugna/UFPA) e pós-graduanda em Comportamento e Experiência do Consumidor pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) do Rio de Janeiro. E-mail: malulopesgoes@gmail.com.

2 Antropóloga, doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora da Universidade Federal do Pará (UFPA) na Faculdade de Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFPA). Pesquisadora do Laboratório de Antropologia Arthur Napoleão Figueiredo (LAANF) e coordenadora do Grupo de Pesquisa Etnografia, Poder e Socialidades (Pugna/UFPA). E-mail: micheleescoura@gmail.com.



1 Introdução

Segundo dados de buscadores digitais de informação, o Brasil é o terceiro país, em todo o mundo, que mais buscou o termo “não monogamia” (Bastos, 2023), em 2023, na internet. Um acréscimo exponencial do interesse público sobre o tema que está expresso, segundo o buscador, em um aumento de 280% de pesquisas nos últimos dois anos³. Dentre tantas possibilidades de respostas que os(as) usuários(as) desses buscadores *on-line* puderam receber às suas pesquisas, todas elas, invariavelmente, devem ter apresentado “conteúdos” digitais acerca de questionamentos, alternativas, piadas ou reflexões teóricas sobre o oposto constitutivo daquilo que buscavam: a monogamia.

A monogamia, segundo o *Dicionário Aurélio*, é um regime social ou cultural no qual uma pessoa pode ter apenas um(a) cônjuge. No Brasil, ela é um regime político. O Código Civil de 2002 norteia a aplicação do direito de família a partir dos princípios monogâmicos, de modo a só acessar esses direitos quem está respaldado(a) pelo casamento civil ou pela união estável. No Artigo nº 1.723 do mesmo código, determina-se que “é reconhecida como entidade familiar a união estável entre o homem e a mulher, configurada na convivência pública, contínua e duradoura e estabelecida com o objetivo de constituição de família”. Em 2011, um importante passo foi dado socialmente em relação aos direitos de família, quando o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a união homossexual como entidade familiar, concedendo-a os mesmo direitos e deveres que possui uma união estável heterossexual, como: pensão por morte, benefícios previdenciários, auxílio reclusão, direito à herança etc. Entretanto, mesmo nesse momento de reconfiguração e ampliação dos direitos de família, reconhecendo-se as uniões fora da matriz da heterossexualidade (Butler, 2003), a unidade familiar manteve-se juridicamente atrelada ao modelo conjugal monogâmico do casal.

Não é de agora que as estruturas das relações afetivo-sexuais e seus desdobramentos nas esferas cotidiana, jurídica e social são temas de debate. Na discussão antropológica, datam do século XIX, por exemplo, as primeiras formulações da teoria de parentesco, que se dedicaram à análise da variação conjugal, da formação de linhagens, dos casamentos e da própria formulação de “família” (Morgan, 1871). Teorias essas que, por sua vez, ganharam ainda mais visibilidade quando foram incorporadas à discussão trazida por Friedrich Engels, em 1884, no desde então clássico *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (2019), no qual o autor defende a ideia de que a formação do Estado e das garantias de propriedade estavam intimamente ligadas à

3 O aumento do interesse público no tema tem desencadeado, também, por conseguinte, um aumento substancial, nos últimos anos, de trabalhos acadêmicos sobre o assunto dentro das Ciências Sociais. Dentre eles, podemos citar os trabalhos de Antônio Pilão (2017); Dardo Bornia Junior (2018); João Paulo Cavalcanti (2018); Rhuann Porto (2022); Ítalo Gonçalves (2022); Mônica Barbosa (2022).



institucionalização do modelo familiar ocidental, baseado no casamento monogâmico e no controle da sexualidade feminina para a determinação da prole legítima à herança. Tal discussão, no século XX, ressoou de maneira crucial no pensamento feminista em suas diferentes perspectivas analíticas e correntes teóricas, as quais, guardadas aqui suas nuances, de modo geral, têm colocado sob questão a estrutura relacional monogâmica e demonstrado sua relação com as estruturas sociais de desigualdade (Firestone, 1976; Friedan, 1971; Goldman, 1910; Heilborn, 2004; Kollontai, 1920; Millet, 1984; Núñez, 2021; Vasallo, 2022; Zanello, 2022).

Esse sistema, que coloca em prevalência a relação do par, do casal, é estruturante para as relações interpessoais e, tal como discutido por Brigitte Vasallo (2022), tende a se impor numa hierarquia relacional e se sobrepôr diante de todas nossas outras formas de vinculações, sejam as relações de amizade, de comunidade, de redes de parentesco estendida ou de outras parcerias afetivo-sexuais. Para mais, dada tal centralidade para nossas relações mais cotidianas e na constituição de nossas próprias expectativas relacionais, não é sem motivo que o debate sobre a monogamia e as reações sobre as alternativas de fuga a ela, exemplificadas pelas buscas e curiosidades em torno da não monogamia, estejam tão em alta, como demonstraram as pesquisas sobre os contextos digitais nos últimos anos.

O cenário contemporâneo tem sido especialmente marcado por uma renovação nesse debate sobre os modelos das relações afetivo-sexuais. Trata-se de uma nova onda de discussão, trazida, na maior parte das vezes, por novos sujeitos e vozes dentro do movimento feminista e antirracista, e que tem se consolidado em torno da crítica ao modelo relacional da monogamia e encontrado forte adesão das novas gerações no debate, seja em concordância com as críticas levantadas, seja em repulsa às problematizações suscitadas pelo tema. Nesse ínterim, as redes sociais, particularmente aquelas capturadas por essa nova geração, tornaram-se um terreno fértil para o compartilhamento de informações sobre o assunto, tanto quanto para a divulgação de polêmicas, controvérsias e disputas em torno dos modelos de relacionamento e seus desdobramentos. “Textões”, “memes” e “trends virais” em torno do assunto têm sido inescapáveis dentro do universo digital e da própria produção cultural dos últimos anos, com polêmicas, casos de “traições” e protagonistas desse tema ganhando visibilidade e repercussão nacionais.

Partindo desse cenário, esta pesquisa⁴ procurou fazer um primeiro levantamento sobre como esse debate tem se configurado em uma das redes sociais mais populares entre os(as) jovens

4 Os dados e as análises aqui apresentados derivam de uma pesquisa inicial e exploratória constituída ao longo de 2023 para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Maria Luiza Lopes, intitulado “As tendências começam aqui’: expressões da Geração Z no TikTok dentro da hashtag monogamia”, orientado pela prof^a dr^a Michele Escoura e apresentado ao curso de Ciências Sociais da UFPA.



e adolescentes brasileiros(as): o TikTok. Para tanto, metodologicamente, a pesquisa levantou e sistematizou os 50 primeiros conteúdos entregues pela plataforma em seu sistema de busca a partir do indexador “#monogamia”. O levantamento de dados se deu no segundo semestre de 2023, e o tratamento do material foi feito a partir da análise de conteúdo, em que cada um dos vídeos coletados são catalogados e organizados a partir de um conjunto de códigos e indicadores que são usados em nossas comparações, e, de modo preliminar, como procuraremos evidenciar neste artigo, os resultados da amostra apontam para como o engajamento em torno da *hashtag* “monogamia” revela convenções de gênero, comportamentos e expectativas conjugais e posições de desigualdade.

2 Considerações metodológicas

Dentro do campo da Antropologia, no qual estamos, os últimos anos foram profícuos no debate sobre a entrada do universo digital na pesquisa etnográfica. Desde a discussão sobre a inseparabilidade das relações *on-line* com as relações *offline* (Miller; Slater, 2004), a discussão sobre a incorporação cotidiana dos dispositivos e da experiência digital em nossas vidas (Hine, 2020), ou a intensificação da virada digital após a pandemia da covid-19 (Lins; Parreiras; Freitas, 2020), não tem sido mais possível, principalmente dentro da Antropologia Urbana, que dedica-se aos estudos sobre gênero e sexualidade, esquivar-se de uma reflexão séria sobre as implicações metodológicas das pesquisas feitas sobre o ou no contexto digital. As abordagens etnográficas propostas por Débora Leitão e Laura Gomes (2017) foram fundamentais para a definição da nossa metodologia, uma vez que nos inspiraram a perceber como é possível, dentro do digital, traçar caminhos permeados por imagens e mensagens, dotadas de fugacidade e efemeridade, mas que, quando juntas, explicitam contornos e convenções sociais abertas à análise social. Para tanto, voltamos nosso olhar para o TikTok.

Criado em 2016 por desenvolvedores chineses, o TikTok se constitui como uma rede social cujo foco está no compartilhamento de mídias, especificamente vídeos curtos de até dez minutos. Segundo pesquisa realizada em 2023 pela DataReportal (Ranking [...], 2023), o Brasil ocupa o terceiro lugar no número total de usuários(as) da plataforma, com 82,2 milhões de contas⁵, com seu apelo particularmente ligado a usuários(as) mais jovens e adolescentes.

O TikTok mistura vídeos, fotos, textos, filtros, músicas e, por isso, aqui nos parece mais adequado falar em “conteúdos”, porque defini-los apenas como “vídeos” ou “imagens” seria

5 Ainda que a plataforma permita acesso de usuários(as) a partir dos 13 anos, apenas os dados de usuários(as) com mais de 18 anos são publicamente divulgados. Segundo a pesquisa, o número de brasileiros(as) no TikTok fica atrás apenas do total de usuários(as) dos Estados Unidos e da Indonésia.



ignorar todas as outras camadas de informações que a plataforma transmite. Para navegar na plataforma, não é necessário criar uma conta; ao entrar no aplicativo através de um *smartphone* ou *desktop*, já é possível se deparar com uma *timeline* infinita, repleta de conteúdos aleatórios. No entanto, quando o acesso ao TikTok passa a ser mediado por um *login* de uma conta pessoal, a plataforma rastreia a interação do(a) usuário(a) com os primeiros conteúdos que aparecem aleatoriamente e, rapidamente, modela-se de acordo com o que percebe como preferências do(a) usuário(a), personalizando a experiência de navegação deste(a). É, pois, uma estratégia refinada de levantamento, uso e articulação de dados, a partir de seus algoritmos, para colocar na tela do(a) usuário(a) aquilo que melhor cumprirá com o objetivo de aumentar o tempo de permanência deste(a) na rede e seguir construindo sua teia de informações.

Exatamente por conta de tal experiência personalizável, nesta pesquisa, o primeiro passo tomado para que o levantamento de dados tivesse o menor enviesamento possível foi construir uma estratégia na nossa etapa de busca dos conteúdos dentro da *hashtag* “monogamia”. Devido à amplitude dos termos de uso do TikTok, mesmo que criássemos uma conta específica para fins de pesquisa, estratégia utilizada para muitos estudos no ambiente digital, o aplicativo de *smartphone* poderia capturar dados do aparelho e rastrear, em nossas buscas, informações de acordo com nossos interesses pessoais. Por isso, metodologicamente, o caminho escolhido para a etapa de busca foi o de utilizar a plataforma não no celular, mas em um navegador de computador, sem logar em nenhuma conta e utilizando o recurso de navegação em uma “janela anônima”⁶, de tal forma que, para acessar os conteúdos, não fosse necessário aceitar os termos de uso da rede. Ainda que tal procedimento não possa ser visto como uma garantia de navegação totalmente anônima, pois o endereço do protocolo de rede – Internet Protocol (IP) – pode permanecer reconhecível, ele foi a saída imediata que encontramos para uma navegação com a maior privacidade possível de nossos dados ao acessar o servidor da rede social.

Quando iniciamos as buscas desta pesquisa, a *hashtag* “monogamia” já somava mais de 150 milhões de visualizações na plataforma, e o salto qualitativo do material que apareceu como resultado da busca menos enviesada foi grande, surgindo, a partir de então, conteúdos românticos que exaltavam a monogamia, vídeos de casais, perspectivas teóricas e biologizantes, que não eram mostrados nas buscas dentro do enquadramento do algoritmo das contas pessoais e já personalizadas.

Em caráter inicial e exploratório, para esta pesquisa, selecionamos os 50 primeiros

6 Tal modalidade de navegação não salva histórico de páginas acessadas, *cookies* ou informações adicionais no dispositivo.



conteúdos que apareceram enquanto resultado da busca anonimizada no indexador “#monogamia” no TikTok, no mês de outubro de 2023. Esses conteúdos foram salvos, enumerados e classificados. Perambulando pela *hashtag*, surgiam categorias, classes, gêneros e outros critérios analíticos possíveis para submeter os materiais. Então, a abordagem de “análise de conteúdo”, tal como proposta por Laurence Bardin (1977), foi escolhida; uma metodologia permeada por muitas lentes, que propõe um conjunto de técnicas de análise das comunicações a partir da categorização, com técnicas que se aperfeiçoam ao longo da presença e vivência em campo.

Aqui, a proposta metodológica de análise de conteúdo ajuda-nos a mapear as convenções que pretendemos analisar, mas diante do volume de conteúdos que coletamos, surgiu a necessidade de um detalhamento mais sistemático do material, levando-nos a compor, então, o Livro de Códigos, ou seja, uma ficha de análise com variáveis minuciosamente explicadas, à qual cada conteúdo seria submetido. Esse método confere maior confiabilidade aos resultados da análise de conteúdo, pois, dessa maneira, a pesquisa pode ser replicada. Com base nesse documento, que opera como um manual, sistematizamos os conteúdos a partir da descrição de 15 categorias de comparação analítica: 1) “Tipo de vídeo”, que descrevia qual era a editoria do conteúdo; 2) “Sentido”, que identificou como flui o debate sobre modelos relacionais, se era favorável, crítico, questionador e monogâmico – mono – ou não monogâmico – não mono –, no sentido de ser uma negação da monogamia; 2.1) “Orientação”, que definiu mais especificamente se o conteúdo era orientado por uma lógica monogâmica, não monogâmica ou ampla; 3) “Gênero do conteúdo”, que pretendeu o tipo narrativo do conteúdo apresentado; 4) “Áudio”, que identificou qual o som do vídeo, se é a fala de alguém ou uma música, entre outros; 5) “Apresenta casal”, identificou se havia um casal no conteúdo e sua orientação sexual; 6) “Identidade de gênero”, que descreveu, quando foi possível identificar, se a performance era feminina, masculina, não binária⁷; 7) “Raça”, aqui, pela complexidade dos critérios de heteroidentificação racial diante das classificações regionais, classificamos entre branco e não branco⁸; 8) “Número de curtidas”; 9) “Número de comentários”; 10) “Número de salvamentos”; 11) “Número de compartilhamentos”; 12) “Tempo de duração”, que classificou se os vídeos eram de até quinze segundos, até um minuto e até dez minutos; 13) “Hashtags”, que identificou quais outras *tags* foram utilizadas na legenda associadas à #monogamia; 14) “Legenda do *post*”; 15) “Descrição”, sendo as três últimas variáveis discursivas para fins de enriquecimento do banco de dados.

7 Existem contas que são impessoais e não há uma figura humana; portanto, não são identificáveis em relação ao gênero. Essa classificação foi feita a partir das informações disponíveis nos perfis. As performances de gênero são um viés importante e frutífero para análises futuras desses dados.

8 Os dados foram classificados a partir das percepções e heteroidentificação do sistema classificatório paraense, especificamente a partir das percepções de Maria Luiza, uma jovem mulher branca e nortista.



Depois de todos os materiais terem sido salvos, descritos e sistematizados dentro das especificações citadas, iniciamos, então, o procedimento de análise do conteúdo.

3 Diante dos dados e das “tendências” contemporâneas no debate sobre #monogamia

A primeira variável, que classifica o tipo de vídeo, apresentou maior incidência nas editorias “Explicação” e “Meme”, cada um com 24% de incidência, e “Narrativa”, com 22% dos conteúdos. Nas primeiras incursões à plataforma, já havia sido notada uma expressiva presença de vídeos explicativos, e, ao analisar o banco de dados, foi massiva a presença de conteúdos que abordam a monogamia por meio de um viés teórico, utilizando uma linguagem didática/acadêmica e que, em alguma medida, antagonizam-se aos conteúdos classificados como “Meme”, que, geralmente, são vídeos curtos que passam uma mensagem de teor cômico e sarcástico, assim como os *memes* estáticos⁹, os quais transmitem uma ideia de fácil compreensão, com lugar no imaginário social. Já dentre os vídeos da editoria “Narrativa”, foi observada uma presença maior de mulheres como as protagonistas das falas contando suas experiências pessoais.

Se fizermos um cruzamento da primeira variável com a variável de número 2.1) Orientação (Tab. 1), na qual identificamos a posição do(a) protagonista do conteúdo em relação ao debate sobre monogamia, 48% dos conteúdos apresentam uma posição “não mono”, 38%, “mono”, e 14% debatem o tema de maneira ampla. Destes, é importante destacar que, do total de 24% de vídeos no formato explicativo, quase todos (20%) têm uma orientação não monogâmica. Enquanto, por outro lado, dos 24% dos conteúdos apresentados em formato de *meme*, a maioria, 16% deles, apresentam posições monogâmicas, contra apenas 6% de orientação não monogâmica ou crítica à monogamia.

Tabela 1 - Tipos de vídeo x Orientação

Tipos de vídeo	ORIENTAÇÃO			Total
	MONO	NÃO MONO	AMPLO	
TREND	4%	4%	0%	8%
EXPLICAÇÃO	0%	20%	4%	24%
ESQUETE	0%	6%	0%	6%
MEME	16%	6%	2%	24%
NARRATIVA	6%	10%	6%	22%
ENTREVISTA	2%	2%	2%	6%
VÍDEO DE CASAL	10%	0%	0%	10%
Total	38%	48%	14%	100%

Fonte: banco de dados elaborado pelas autoras.

Esses números apontam que, para comunicar um assunto que não está socialmente dado – nesse caso, a crítica à estrutura monogâmica –, é preciso dialogar, seja a partir de uma explicação

⁹ Imagens virais em formato de fotografias, que, diferentemente, de vídeos ou GIFs não “se mexem”.



ou contando uma história. Por isso, também, conteúdos “não mono”, em 10% dos casos, são tipificados como “Narrativa”. Entre eles, podemos destacar o Conteúdo nº 18, em que uma menina jovem relata sua jornada de desconstrução da estrutura monogâmica:

Assim como a maioria de nós, cresci numa sociedade completamente monogâmica, que tem esse jeito de se relacionar como sendo comum, normal e [pausa] aceitável. Nisso, eu fui tendo os meus relacionamentos baseado em muito ciúme, posse, apego, coisas disfuncionais nesse sentido. Eu fui entendendo que isso me fazia muito mal. Eu era tóxica com as pessoas, as pessoas eram tóxicas comigo. [...] Nisso, quando chegou a pandemia, eu pensei: ‘bom, a próxima vez que eu me relacionar, eu quero mudar completamente esse jeito que eu me relaciono’ (Conteúdo nº 18, transcrição em diário de campo, 2023).

No âmbito dos conteúdos monogâmicos, destaca-se uma considerável proporção de vídeos do gênero “Meme” (16%), caracterizados tanto por uma abordagem favorável à monogamia quanto por críticas à sua negação; outros 10% desses conteúdos, classificados com sentido monogâmico, são “Vídeos de casal”, apresentando em sua totalidade narrativas românticas. Esse padrão de conteúdo é exemplificado no Conteúdo nº 31, no qual um casal jovem é retratado em um momento aparente de afeto, com beijos, risadas e demonstrações de carinho, ao som da música “Chico”, da artista brasileira Luísa Sonza¹⁰. A letra da música faz referência ao modelo relacional analisado, destacando a “honra” da protagonista em adotar a monogamia.

Enquanto o levantamento de dados era realizado, percebemos que, de modo geral, vídeos monogâmicos possuíam um tempo de duração mais curto – tanto que, em 10 dos 19 conteúdos orientados como “monogâmicos”, 15 segundos pareciam ser o suficiente para comunicar a mensagem pretendida – e, diferentemente dos “não mono”, tais vídeos não precisavam de muito tempo de tela ou mesmo de fala explicativa/didática para cumprirem sua função de comunicar algo.

A variável “Tempo de duração”¹¹ nos mostra que vídeos de até 10 minutos são a maioria (42%) dos conteúdos selecionados na nossa amostra, mas cruzando a variável “Tempo de duração”, com a variável do tipo de áudio (Tab. 2), foi possível ver que a maior parte dos vídeos de até 10 minutos e até 1 minuto possuem áudio original, 36% e 24%, respectivamente, somando 60% do total de conteúdos, ou seja, quando o áudio do vídeo é produzido pela própria pessoa que está na posição de centralidade da explicação ou da narração. Já os conteúdos de até 15 segundos, os

10 A viralização da música “Chico”, com mais de 48 milhões de reproduções em uma única plataforma de áudio, coincidiu com o término do namoro entre Luísa Sonza e Chico “Moedas” Veiga, que durou poucos meses desde o lançamento da música. Esse curto período foi marcado por eventos como a transformação do casal em objeto de desejo, entrevistas, serenatas públicas e uma carta aberta de término divulgada em um programa matutino da TV Globo, revelando a traição. A situação foi amplamente explorada nas redes sociais, gerando inúmeros memes e fofocas, além de suspeitas de ser uma estratégia de marketing. Esse contexto impactou diretamente as amostras coletadas durante as incursões em campo.

11 Variável 12 do Livro de Códigos, que classifica os vídeos, com base nas predefinições da plataforma, em: “até 15 segundos”, “até 1 minuto” e “até 10 minutos”.



mais breves, têm, majoritariamente, música como som (16%)¹², um estilo de vídeo que tem se popularizado, seja para a composição de *memes* ou de *trends*, quando um mesmo formato de vídeo se multiplica em compartilhamento viralizado.

Tabela 2 - Tempo de duração X Áudio

Tempo de Duração	ÁUDIO				Total
	ORIGINAL	MÚSICA	DUBLAGEM	ÁUDIO PRODUZIDO	
Até 15 segundos	6%	16%	2%	4%	28%
Até 1 minuto	24%	4%	2%	0%	30%
Até 10 minutos	36%	2%	2%	2%	42%
Total	66%	22%	6%	6%	100%

Fonte: banco de dados elaborado pelas autoras.

Ao combinar as informações fornecidas pelas variáveis “Orientação”, “Áudio” e “Tempo de duração”, nota-se que conteúdos mono são, geralmente, embalados por músicas e têm curta duração, enquanto, entre os não mono, o padrão costuma ser de longa duração e “Áudio original”. Nesse âmbito, vale ressaltar que nenhum vídeo entre os favoráveis à monogamia se dedica a explicá-la, pois, para trazer sentido à normativa social, não é preciso de muito. Já, paralelamente, em vídeos não monogâmicos, nota-se que se faz necessário teorizar e explicar, para, então, passar uma mensagem. Daí a justificativa desse tipo de vídeo ter, também, maior tempo de duração e áudio original narrados na voz de suas(seus) produtoras(es), como podemos ver nas tabelas 3 e 4.

Tabela 3 - Tempo de duração X Orientação

	ORIENTAÇÃO			Total
	MONO	NAO MONO	AMPLO	
Até 15 segundos	20%	8%	0%	28%
Até 1 minuto	8%	18%	4%	30%
Até 10 minutos	10%	22%	10%	42%
Total	38%	48%	14%	100%

Fonte: banco de dados elaborado pelas autoras.

¹² Como poderá ser visto na Tab. 2, há, ainda, no Livro de Códigos, a classificação “Dublagem”, que é quando o(a) usuário(a) dubla uma fala de outra pessoa, e “Áudio produzido”, que é um áudio que foi postado em primeira mão por algum(a) usuário(a) e acabou viralizando e sendo replicado.



Tabela 4 - Áudio X Orientação

Áudio	ORIENTAÇÃO			Total
	MONO	NÃO MONO	AMPLO	
ORIGINAL	16 %	38 %	12 %	66 %
MÚSICA	16 %	6 %	0 %	22 %
DUBLAGEM	6 %	0 %	0 %	6 %
ÁUDIO PRODUZIDO	0 %	4 %	2 %	6 %
Total	38 %	48 %	14 %	100 %

Fonte: banco de dados elaborado pelas autoras.

A análise dos perfis de TikTok nesta pesquisa revela uma predominância significativa de conteúdos relacionados à *hashtag* “monogamia” produzidos por mulheres. Em nossa amostra, 76% dos conteúdos analisados são protagonizados por elas, sendo que 30% dessas usuárias expressam posicionamentos favoráveis e 40% manifestam críticas às convenções sociais da monogamia. Homens são apenas 20% dos criadores de conteúdo que utilizam essa *hashtag*, e, no contexto dos conteúdos identificados como “não mono” em nosso banco de dados, eles representam 8%, enquanto entre os “mono” são apenas 6%, conforme Tab. 5, a seguir.

Tabela 5 - Identidade de gênero X Orientação

Identidade de gênero	ORIENTAÇÃO			Total
	MONO	NÃO MONO	AMPLO	
FEMININO	30%	40%	6%	76%
MASCULINO	6%	8%	6%	20%
NÃO BINÁRIO	0%	0%	2%	2%
NÃO IDENTIFICÁVEL	2%	0%	0%	2%
Total	38%	48%	14%	100%

Fonte: banco de dados elaborado pelas autoras.

A predominância da participação feminina na produção de conteúdo dentro da *hashtag* “monogamia” indica-nos a centralidade da relação entre feminilidade e a pauta do amor e da conjugalidade dentro das convenções de gênero, tal como indicada em outras de nossas pesquisas (Escoura, 2012, 2019, 2022). Embora não seja possível inferir daqui se homens ou mulheres tendem mais à monogamia ou à não monogamia, fica evidente que as discussões sobre os modos de relacionamento, assim como sobre o amor, ocupam um espaço relevante nas temáticas identificadas como pertinentes ao universo feminino. Da mesma forma, a ideia de uma desigualdade entre as convenções de feminilidade e masculinidade aparece, de maneira repetida, quando se fala em



exclusividade monogâmica, como fica explícito no Conteúdo nº 5, quando a narradora pondera: “[...] *homem que comete adultério, às vezes, é tratado como ‘homem será homem’, sabe? ‘Homem faz isso’, e mulher não. Mulher é tipo ‘onde já se viu?’.* *‘Mulher tem que casar virgem’.* *‘Mulher tem que ter um homem e é isso’*” (Conteúdo nº 5, transcrição em diário de campo, 2023). Uma ponderação que se aproxima do que Regina Navarro Lins (2023) reflete ao traçar uma análise sobre a própria cultura ocidental e cristã, identificando como o adultério feminino possuiu, historicamente, um teor moral muito mais pejorativo, enquanto, para os homens, o adultério estaria “naturalizado”, permitido, em uma convenção que deixa lastros até a contemporaneidade e em nossas relações mais cotidianas.

Durante as incursões a campo, foi possível notar uma ínfima presença de casais dentro da *tag* selecionada no *corpus* analítico. Eles aparecem em apenas 14% dos conteúdos, sendo 10% formados por casais heterossexuais e 4% por casais lésbicos¹³. Os dados da variável “Apresenta casal”, em nossa amostra, possuem sintonia com o que foi apresentado anteriormente acerca das convenções de gênero em torno dos temas “amor” e “romance”. Juntando os dados referentes à identidade de gênero dos(as) usuários(as), é possível aferir que, no TikTok, uma narrativa romântica, comum em vídeos de casais, também aparece como uma tecnologia de produção do gênero feminino. Na Tab. 6, vemos que, entre os 14% de conteúdos com casais, apenas 2% foram postados por homens, e, checando o banco de dados, trata-se de vídeos com teor cômico.

Tabela 6 - Apresenta casal X Identidade de gênero

Apresenta casal	IDENTIDADE DE GÊNERO				Total
	FEMININO	MASCULINO	NÃO BINÁRIO	NÃO	
HÉTERO	6%	2%	0%	2%	10%
LÉSBICO	4%	0%	0%	0%	4%
NÃO APRESENTA	66%	18%	2%	0%	86%
Total	76%	20%	2%	2%	100%

Fonte: banco de dados elaborado pelas autoras.

Dentre os vídeos feitos por homens, três exemplos nos ajudam a exemplificar esse padrão de comportamento de sátira à discussão sobre monogamia e não monogamia. No Conteúdo nº 27, o criador escreve sobre o vídeo: “*eu explicando pro meu amigo ‘pq’ ele deveria evoluir, quebrar as barreiras da monogamia e deixar eu meter na esposa dele*”, frase que faz jus ao dispositivo

¹³ Vale ressaltar que a ausência de casais *gays* na amostra é um dado relevante, ainda que não possamos, de maneira rigorosa, apontar para alguma justificativa precisa. Por um lado, tal ausência pode se dever à pequena escala da nossa amostra, diante do número total de conteúdos que poderiam ser retirados da rede social para análise. Entretanto, por outro lado, podemos também levantar como uma hipótese inicial uma certa correlação entre essa ausência e a prevalência de mulheres como criadoras de tais conteúdos. De todo modo, essa ausência só poderá ser compreendida de maneira mais precisa a partir de uma ampliação e um aprofundamento futuro da pesquisa.



masculino da eficácia sexual (Zanello, 2022). No Conteúdo nº 30, por sua vez, que é o único conteúdo feito por um homem que apresenta casal – os 2% da Tab. 5 –, o criador faz uma esquete na qual estaria explicando conceitos não monogâmicos e, ao ser questionado pela namorada sobre o assunto, ele diz que “[...] é [só] *pro TikTok, cara!*”. Já no Conteúdo nº 34 (Fig. 1), o narrador satiriza a discussão ao propor que os termos “monogamia” e “não monogamia” podem ser substituídos por “varejo” e “atacado”, correlacionando as dinâmicas de relacionamentos com ou sem exclusividade afetiva aos modelos de compra de produtos cujo preço é definido pela quantidade de bens adquiridos.



Fonte: TikTok

Tais conteúdos satíricos, nesse caso, servem como uma forma de reafirmação de determinadas posições de masculinidade e convenções de gênero hegemônicas a esses produtores de conteúdo, nas quais há uma suposta desvalorização – ou despreocupação – masculina sobre os temas e os debates sobre amor ou relacionamentos. Uma produção narrativa que, no limite, confunde e desloca os sentidos do debate sobre a desconstrução do modelo relacional em pauta.

Os demais vídeos com casal têm um teor romântico. Em um deles, uma jovem escreve “*minha namorada é a maior fã da monogamia desse mundo*”, acionando a ideia de que a exclusividade seria uma suposta demonstração de afeto de uma em relação à outra. Já em outros vídeos, enquanto os homens costumam dar suas opiniões, teorizar e ironizar sobre o assunto (Tab. 7), 12% dos vídeos que exaltam o amor romântico foram feitos exclusivamente por mulheres, uma tendência que dialoga com as discussões trazidas por Valeska Zanello (2022) e Michele Escoura



(2012) de que o romantismo e a própria construção histórica do amor romântico, que podem ser vistos como uma espécie de tecnologia de produção do gênero (De Lauretis, 1994; Butler, 2003), estão intimamente relacionados à esfera do feminino e à constituição da feminilidade.

Tabela 7 - Gênero do vídeo X Identidade de gênero

Gênero do vídeo	IDENTIDADE DE GÊNERO				
	FEMININO	MASCULINO	NÃO BINÁRIO	NÃO IDENTIFICÁVEL	Total
EXALTAÇÃO DO AMOR ROMÂNTICO	12%	0%	0%	2%	14%
PESSOA TEORIZANDO	18%	6%	0%	0%	24%
RELATO	10%	0%	0%	0%	10%
OPINIÃO	8%	8%	2%	0%	18%
PIADA/IRONIA	22%	6%	0%	0%	28%
SENTENÇA	6%	0%	0%	0%	6%
Total	76%	20%	2%	2%	100%

Fonte: banco de dados elaborado pelas autoras.

A análise da variável racial revela uma predominância de interlocutores(as) brancos(as), alcançando 68%, em contraste com 32% de pessoas não brancas. A relação entre raça e o debate da monogamia é frequentemente questionada, com algumas pessoas apontando que o tema sobre a desconstrução desse modelo seria uma preocupação exclusiva da branquitude ou de um certo lugar de privilégio do feminismo branco, enquanto outras argumentam que a monogamia é um sistema concebido para atender aos interesses da branquitude (Porto, 2022; Núñez, 2021)¹⁴. Ao cruzar essa variável com a identidade de gênero, observa-se que a totalidade dos usuários masculinos são brancos (20%) e todas as usuárias não brancas são do gênero feminino, conforme apresentado na Tab. 8.

¹⁴ As divergências internas no campo dos feminismos contemporâneos é um debate complexo e que escapa do escopo deste artigo de apresentação de nossos primeiros dados de pesquisa empírica. De todo modo, tal consideração se faz relevante aqui para destacar a necessidade de uma análise apurada dos dados em relação aos marcadores sociais de diferença racial e se alinha aos debates que apontam para a necessidade de uma análise interseccional sobre as relações de gênero e sexualidade, acrescentando, inclusive, a necessidade de uma aproximação com o debate sobre o colonialismo nessa discussão.



Tabela 8 - Raça X Identidade de gênero

Raça	IDENTIDADE DE GÊNERO				Total
	FEMININO	MASCULINO	NÃO BINÁRIO	NÃO	
BRANCO	44%	20%	2%	2%	68%
NÃO BRANCO	32%	0%	0%	0%	32%
Total	76%	20%	2%	2%	100%

Fonte: banco de dados elaborado pelas autoras.

As mulheres não brancas, nessa amostra, estão de fora dos conteúdos dos tipos “Trends”, “Entrevistas” e “Vídeos de casal”, mas se fazem presentes em 16% dos conteúdos com teor cômico – 6% “Esquete” e 10% “Meme” –, e os outros 16% se distribuem em conteúdos que requerem a fala: 10% delas fazem vídeos do tipo “Narrativa”, e 6% se voltam ao tipo “Explicação” (Tab. 9).

Tabela 9 - Raça X Tipos

Raça	TIPOS							Total
	TREND	EXPLICAÇÃO	ESQUETE	MEME	NARRATIVA	ENTREVISTA	VÍDEO DE CASAL	
BRANCO	8%	18%	0%	14%	12%	6%	10%	34
NÃO BRANCO	0%	6%	6%	10%	10%	0%	0%	16
Total	8%	24%	6%	24%	22%	6%	10%	50

Fonte: banco de dados elaborado pelas autoras.

Essa é uma discussão que vai de encontro com a fala da interlocutora do Conteúdo nº 28, que questiona o movimento feminista, trazendo uma série de argumentos sobre a monogamia não ser pauta central do movimento: “[...] ninguém discute como é que a monogamia endossa o feminicídio, ninguém discutindo como é que a monogamia faz a mulher trabalhar de graça pro capitalismo”, e aprofunda a discussão incluindo a pauta racial no seu argumento:

E, agora, fazendo um recorte racial. Nós [bate no peito], viu?! Nós, mulheres negras, que vivemos falando da solidão da mulher negra, não discutimos como a monogamia, ela endossa essa solidão. Como a monogamia não foi feita, não foi criada, pensando na gente [aponta para si]. Porque, enquanto a ideia de família nuclear estava sendo construída aqui no Brasil, quem tinha essa cor [levanta e mostra sua mão], não tava incluso nos planos (Conteúdo nº 28, transcrição em diário de campo, 2023).

Além da questão racial, nos vídeos da amostra, a orientação sexual apareceu, também, como um importante recorte na discussão entre “mono” e “não mono”. Ainda que só 4% do total dos conteúdos exiba casais lésbicos, as mulheres aparecem sozinhas e, assim, mostram o que vieram a acrescentar ao debate. Em tais conteúdos, elas demonstram suas preferências através



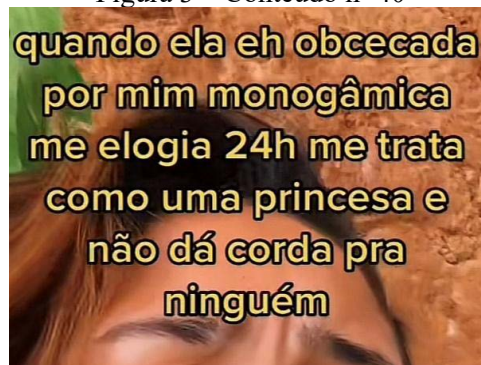
das legendas, como uma que escreve “*brincadeira, gente, adoro NM¹⁵, desde que não seja minha namorada*” (Conteúdo nº 13, transcrição em diário de campo, 2023), para se opor, de maneira cômica, à não monogamia. Outra coisa relevante nos dados é a demonstração pública de dedicação e preferência pela parceria exclusiva, como as figuras 2 e 3, a seguir.

Figura 2 – Conteúdo nº 14



Fonte: TikTok

Figura 3 – Conteúdo nº 40



Fonte: TikTok

A ideia de fidelidade e a valorização de um sentimento de completude na relação com a(o) parceira(o) aparecem, também, nos vídeos em que o sentimento de ciúme é mote central, sejam os conteúdos em defesa da monogamia ou os críticos a esta. Em vídeos tipificados como “Explicação”, em sentido crítico à monogamia, o sentimento de ciúme aparece como uma questão relevante e recorrente. É o que alerta, por exemplo, uma usuária no Conteúdo nº 10, quando diz que “[...] *relações de poder e de controle asfixiam a gente, castram a nossa individualidade e geram uma série de inseguranças*” (Conteúdo nº 10, transcrição em diário de campo, 2023).

Nessas críticas, o ciúme é indicado como um sentimento que pode gerar, na pessoa, a necessidade de controlar excessivamente o(a) outro(a), como garantia de que não será traída. No Conteúdo nº 17, para questionar a normalização da invasão de privacidade e o controle do outro, a criadora diz: “[...] *infelizmente, há uma naturalização extrema da perda de privacidade e individualidade de pessoas que estão em um relacionamento... como se eles deversem ser um só e tudo da sua vida. Agora, diz respeito àquela outra pessoa também. Não existe mais o eu, você; existe o nós*”.

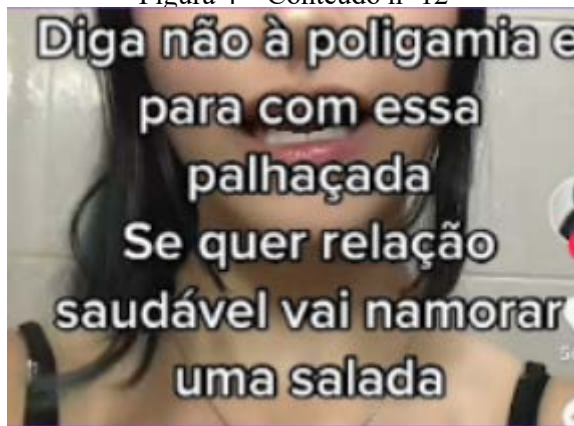
Alguns conteúdos, por sua vez, propõem o ciúme e o controle do(a) outro(a) como algo positivo em uma relação amorosa, quase como se tais comportamentos materializassem o afeto e o cuidado com a relação. Esse é o caso, por exemplo, do trecho da música “BDSM (Bom Demais Ser Monogâmico)”, de Luckhaos, que viralizou na plataforma TikTok, na qual ele canta: “Diga

15 Sigla para Não Monogamia, utilizando apenas as iniciais do termo.



não à poligamia e para com essa palhaçada/Se quer relação saudável, vai namorar uma salada”. No Conteúdo nº 12, por exemplo, a jovem que protagoniza o vídeo entoa a letra da música e escreve na legenda do *post*: “*love monogamia possessividade [...]*”, associando a ideia de posse e controle aos ideais valorizados para um relacionamento (Fig. 4).

Figura 4 – Conteúdo nº 12



Fonte: TikTok

Nessas publicações, a mensagem que pretende ser compartilhada é a de que qualquer ato ou fato que possa minimamente comprometer o pilar central dessas relações a dois, que são a “fidelidade”, a exclusividade sexual e, inclusive, a exclusividade do desejo do(a) outro(a), automaticamente acionam o controle sobre o(a) outro(a), como forma de compensar o sentimento de ciúme e de demonstrar a legitimidade daquele amor. Nesse sentido, uma hierarquização dos afetos é naturalizada (Vasallo, 2022) pelos conteúdos divulgados na plataforma, nos quais se evidencia a valorização do ato de colocar como prioridade a relação amorosa e de regular todos os demais afetos, a partir de limitações impostas pela relação, como explica um criador de conteúdo:

[...] tem uma relação na sua vida, que é mais importante que as outras. A pessoa com quem você estabelece uma conexão genital é mais importante que o resto [pausa], e aí, porque ela é mais importante, a gente estrutura as coisas de uma forma que você vai ter que se privar de estabelecer certos tipos de conexão com outras pessoas e ter só com essa pessoa (Conteúdo nº 20, transcrição em diário de campo, 2023).

Cria-se, nessas narrativas e discursos, um modelo relacional difícil de ser atingido, em que o casal deve sempre priorizar um ao outro, centralizando o amor, as expectativas, o tempo, as responsabilidades e até os desejos sexuais no par. No Conteúdo nº 49, por sua vez, uma mulher e um homem conversam sobre sentir desejo por terceiros estando em uma relação monogâmica e dizem reconhecer que “*todo mundo tá ligado que sente*”, que há atração por outras pessoas mesmo estando em um relacionamento.



Dentro da relação, na monogamia, é... você não pode abrir tudo e ser sincero com tudo. Não! Você não vai chegar na sua mina e falar 'eu acho que eu tô muito a fim da Suelen'. Ninguém se sente livre para fazer isso numa relação monogâmica (Conteúdo nº 49, transcrição em diário de campo, 2023).

Já em outro vídeo, uma garota diz “[...] eu às vezes gosto [da monogamia], mas, às vezes... tendeu? Às vezes, você quer uma outra coisinha” (Conteúdo nº 50, transcrição em diário de campo, 2023). Em decorrência da nossa socialização, da hierarquia dos afetos e da forma como o amor se prescreve nas mídias e no imaginário social, a ideia compartilhada é a de que apenas o ato de desejar outra pessoa já se caracteriza como uma violação da virtude da fidelidade. Isso é dito, por exemplo, em um vídeo de editoria “Narrativa”, no qual duas amigas dizem que, para uma delas, uma traição vai desde fazer algo que foi combinado entre o casal com uma outra pessoa, fantasiar sobre uma interação sexual e até mesmo “curtir foto e story [no Instagram] de menina que você já pegou” (Conteúdo nº 32, diário de campo, 2023), demonstrando como a popularização das próprias plataformas de interação digital, contemporaneamente, foi incluída nessa complexa dinâmica de regulação de desejos, expectativas e comportamentos dentro das estruturas afetivas e sexuais.

4 Considerações finais

A monogamia tem sido problematizada enquanto um sistema político que, mesmo sob modificações com o passar do tempo, segue orientando as relações humanas e regulando as esferas afetivas, sexuais e jurídicas. Fato observável é que mesmo o Código Civil brasileiro abrindo concessões a respeito de quais pares terão acesso ao direito de família, este ainda tem como seu princípio norteador a relação a dois. Esse sistema que se impõe na esfera jurídica se estende socialmente também, alicerçado nas noções presentes no imaginário social acerca de família e de gênero, e nas questões estruturantes para o indivíduo, para a subjetividade e para a sociedade como um todo.

Nesta pesquisa, buscamos fazer um mapeamento sobre a forma como o renovado debate acerca das relações afetivo-sexuais estão aparecendo em uma das redes sociais de maior engajamento juvenil no Brasil, o TikTok, e, para tanto, coletamos, organizamos e sistematizamos os 50 primeiros resultados de conteúdos divulgados com a *hashtag* “monogamia”, em um protocolo de busca na plataforma. Dentro do indexador “#monogamia”, pudemos perceber a imensa presença de jovens produzindo conteúdos e criando uma linguagem única e multifacetada, muitas vezes com o intuito de subjetivar-se no mundo, através de estéticas, posicionamentos, de dispositivos de gênero e da sexualidade. Desses vídeos, conseguimos constituir um amplo banco de dados que,



heterogeneamente, ilustra a miríade de oposições discursivas que têm constituído esse terreno de debate.

Ao contrário de uma certa expectativa das pesquisadoras, familiarizadas com o debate, de que a busca pela *#monogamia* fosse nos levar apenas a vídeos românticos e de declaração de vínculos afetivos, por uma lógica estritamente amorosa, a *hashtag* fez surgir em nossas buscas muitas outras narrativas e produções discursivas. Embora tenhamos observado a presença de vídeos de casais, houve, também, uma peculiaridade: tais conteúdos de exaltação de parcerias a dois, quando apareciam, falavam de “amor” simplesmente, e não necessariamente de “monogamia”, indicando como tal modelo relacional social e juridicamente respaldado, construído enquanto tipo ideal e objeto de desejo, baliza as próprias convenções sobre o que seria o amor. Outrossim, paralelamente, aqueles vídeos que mais explicitamente mencionavam o termo “monogamia”, em nossas buscas, eram justamente de criadores de conteúdos que invocavam o termo enquanto um conceito, apresentando reflexões e questionamentos – inclusive teóricos – acerca de suas dinâmicas e desdobramentos para as relações sociais. Eram vídeos que usavam o indexador “*#monogamia*” justamente para chamar atenção aos problemas de tal estrutura de relacionamentos, não para apoiá-la.

Dentre os conteúdos da amostra, há a predominância de mulheres como protagonistas dos vídeos explicativos e mais críticos à monogamia, enquanto a presença masculina se tornava mais forte nos vídeos enquadrados como *memes* e com narrativas satíricas. Tal fato reforça, de modo geral, como as convenções de gênero continuam operando em torno do engajamento nesse tema: “amor” e relacionamentos continuam sendo assuntos que, quando tratados com seriedade nos vídeos de nossa amostra, supõem-se como temas femininos e de mobilização particular das mulheres. Uma correlação que ressoa junto a outras de nossas pesquisas, que têm mostrado como o dispositivo de gênero e de produção de feminilidade, em nossa sociedade, baseia-se de maneira muito fundamental à construção histórica do amor romântico, colocando o casamento e o romance como dimensões prioritárias para a experiência feminina (Escoura, 2012, 2019, 2022). Em paralelo, o posicionamento assumido pelos homens, que aparecem nos conteúdos satirizando a discussão sobre monogamia, demonstra como há um reforço das desigualdades de gênero nessa discussão e uma tendência forte em associar comportamentos contrários à exclusividade sexual aos desdobramentos de uma suposta “natureza masculina”.

De todo modo, vale destacar que os vídeos capturados em nossa amostra deixam evidente como esse é um debate que está longe de encontrar consenso e que, quanto mais se polemiza, mais também se dissemina. O embate entre defensores(as) e opositores(as) do modelo monogâmico é



um fenômeno que ganhou dimensões outras com a amplificação do tema nas redes sociais, e, ao cabo, tem colocado em evidência discussões que, há poucos anos, estavam restritas a pequenos círculos de pesquisadoras(es) e ativistas. Nesse ponto, cumpre mencionar que, nas controvérsias suscitadas nesse campo de discussão contemporâneo, cada vez mais sujeitos das novas gerações têm se engajado em falar sobre suas expectativas e experiências no campo das relações afetivas e sexuais, problematizando noções de permissões e proibições relacionais colocadas a partir da lógica monogâmica, e inserindo elementos como a traição, a infidelidade, a quebra da exclusividade sexual e afetiva, popularmente expressos pelas imagens do “chifre” ou do “corno”, no cerne da discussão sobre essa superestrutura, que associa convenções sociais de gênero e sexualidade a comportamentos e a expectativas e modelam subjetividades, que, na mesma medida que constrói paradigmas, também produz suas fissuras.

Cada vez parece estar ficando mais evidente a forma como a monogamia permeia nossas vidas e modela nossas subjetividades, afetando-nos tanto em sua presença quanto em sua ausência. Igualmente, o modo como o embate entre defensores(as) ou opositores(as) do modelo monogâmico parece estar configurado nas redes sociais, ao fundo, revela-se como uma forma imediata de colocar em questão e em escrutínio público uma imensa variedade de comportamentos, valores morais e suas conexões, seja com as convenções de gênero e sexualidade, seja com as expectativas conjugais, seja nas definições de amor, ou nas posições de desigualdade.

Referências

BARBOSA, Mônica Araújo. *Constelações íntimas afetos nas trajetórias não-monogâmicas*. 2022. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Ed. 70, 1977.

BASTOS, Fernanda. O que é não-monogamia? Brasil é 3º país que mais busca termo no Google, atrás apenas da Austrália e do Canadá. *Portal G1*, Brasília, DF, 9 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/07/09/o-que-e-nao-monogamia-brasil-e-3o-pais-que-mais-busca-termo-no-google-atras-apenas-da-australia-e-do-canada.ghtml>. Acesso em: 10 jan. 2024.

BORNIA JUNIOR, Dardo Lorenzo. *Amar é verbo, não pronome possessivo: etnografia das relações não-monogâmicas no sul do Brasil*. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (Sujeito e História).



CAVALCANTI, João Paulo Lima. *Amores não monogâmicos: uma análise sobre relações de poliamor, afetividades e individualidades*. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

DE LAURETIS, Teresa. A Tecnologia do Gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.206-241.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Boitempo, 2019.

ESCOURA, Michele. *Fazer festa é uma guerra: relações e conflitos na organização de casamentos*. Campinas: Mercado de Letras, 2022.

ESCOURA, Michele. *Girando entre princesas: performances e contornos de gênero em uma etnografia com crianças*. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ESCOURA, Michele. Vestida de noiva: diferenciação e prestígio em disputa no mercado de festas de casamento. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 55, p. 1-31, 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cpa/a/34SMRQ4Tr868pF66g5Vykpf/?lang=pt>. Acesso em: 23 maio 2024.

FIRESTONE, Shulamith. *A dialética do sexo: um estudo da revolução feminista*. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976.

FRIEDAN, Betty. *Mística feminina*. Petrópolis: Vozes, 1971.

GOLDMAN, Emma. *Anarchism and other essays*. New York: Mother Earth Publishing Association, 1910.

GONÇALVES, Ítalo Vinicius. *Projetos poliamorosos em rede: narrativas de casais não-monogâmicos em busca de um novo amor*. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitários - coleção sexualidade, gênero e sociedade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HINE, Christine. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. Tradução: Carolina Parreiras e Beatriz Accioly Lins. *Cadernos De Campo (São Paulo - 1991)*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 1-42, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/181370>. Acesso em: 22 jan. 2024.

KOLLONTAI, Alexandra. Communism and the Family. Translation: Alix Holt. *Kommunistka*, Moscow, n. 2, 1920. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/kollonta/1920/communism-family.htm>. Acesso em: 08 jan. 2025.

LEITÃO, Débora K.; GOMES, Laura Graziela. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. *Revista*



Antropolítica, Niterói, v. 1, n. 42, p. 41-65, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41884>. Acesso em: 22 jan. 2024.

LINS, Beatriz Accioly; PARREIRAS, Carolina; FREITAS, Elaine Tânia. Estratégias para pensar o digital. *Cadernos De Campo (São Paulo - 1991)*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 1-10, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/181370>. Acesso em: 22 jan. 2024.

LINS, Regina Navarro. Monogamia em crise. *Cult*, São Paulo, 29 set. 2022. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/apresentacao-dossie-ascensao-e-queda-da-monogamia/>. Acesso em: 14 set. 2023.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/byXgK3hjvpRs4snhb8MSbGy/?lang=pt>. Acesso em: 22 jan. 2024.

MILLET, Kate. Kate Millet: “el amor ha sido el opio de las mujeres”. Entrevistadora: Lidia Falcon. *El País*, Nueva York, 20 mayo 1984. Disponível em: https://elpais.com/diario/1984/05/21/sociedad/453938405_850215.html. Acesso em: 08 jan. 2025.

MORGAN, Lewis Henry. *Systems of consanguinity and affinity of the human family*. Washington, DC: Smithsonian Institution, 1871.

NÚÑEZ, Geni Daniela; OLIVEIRA, João Manuel de; LAGO, Mara Coelho de Souza. Monogamia e (anti)colonialidades: uma artesanaria narrativa indígena. *Teoria e Cultura*, Juiz de Fora, v. 16, n. 3, p. 76-88, dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/34439>. Acesso em: 14 set. 2023.

PILÃO, Antonio Cerdeira. “Por que somente um amor?”: um estudo sobre poliamor e relações não-monogâmicas no Brasil. 2017. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

PORTO, Rhuann Lima Fernandes. “O amor é?” *Negritude e relações não-monogâmicas*: as dimensões micropolíticas do afeto. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

RANKING mostra quantos brasileiros estão no TikTok em 2023. *Exame*, São Paulo, 8 abr. 2023. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/ranking-mostra-quantos-brasileiros-estao-no-tiktok-em-2023/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

VASALLO, Brigitte. *O desafio poliamoroso*: por uma nova política dos afetos. Tradução: Mari Bastos. São Paulo: Elefante, 2022.

ZANELLO, Valeska. *A prateleira do amor*: sobre mulheres, homens e relações. Curitiba: Appris, 2022.

